

# Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:  
**CARLOS MALHEIRO DAS**  
DIRECTOR ARTÍSTICO:  
**FRANCISCO TEIXEIRA**

\*\*\*  
PROPRIEDADE DE  
**J. J. DA SILVA GREGA**  
\*\*\*

Redacção, Adminis-  
tração e Officinas de  
Composição e Im-  
pressão:

Rua Formosa, 43-435807



A GRANDE ACTRIZ ITALIANA TINA DI LORENZO

Assinatura da «Ilustração Portuguesa» para Portugal, colónias e Hespanha:

Por anno .....	4800 réis
» semestre .....	2800   »
» trimestre .....	1800   »

Assinatura conjunta do «Seculo», «Supplemento Humorístico do Seculo» e da «Ilustração Portuguesa» para Portugal, colónias e Hespanha:

Por anno .....	8000 réis
» semestre .....	4800   »
» trimestre .....	2800   »
» mez em Lisboa .....	700   »

**CASAMINEIRO** D.  
 ARMADORES ESTOFADORES  
 PRAÇA LIVRE de CARLOS 38 - LISBOA  
 TELEPH. 1346  
 ENDEREÇO TELEGRAPHICO (ASTALI)

**AGENCIA DE VIAGENS**  
 R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

**Ernst George**  
 SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo  
 Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.  
 Cheques para hotels.

**Viagens baratissimas**  
 À TERRA SANTA

NOUVEAU PARFUM  
**PRINCIA VIOLET**  
 29, BIL DES TAIFFINS, PARIS

**BAUME BENGUÉ**  
 Cura Totalmente  
**RHEUMATISMO**  
**GOTA**  
**NEURALGIAS**  
 D<sup>r</sup> BENGUÉ, 47, rue Boursin, Paris, e em todas as Pharmacias.



**CÔRES PALLIDAS**

**ANEMIA**  
 CURA RADICAL em **20 DIAS**  
 e INFALLIVEL  
 pelo **ELIXIR de S. VICENTE de PAULA**  
 EM TODAS AS PHARMACIAS  
 ou no Depósito Geral: GUYOT & JELIGANT, Rua dos Sapateiros, 15, 1.<sup>a</sup> div. - LISBOA  
 1300 réis o frasco branco porte em todo Portugal.  
 PÉLOILE, Pharmacien, 2, Faub<sup>r</sup> St-Denis, PARIS.

**CONVALESCENÇA**

CHLOROSE  
 NEURASTHENIA



Melo seculo de successo  
**ESTOMAGO**  
 O Elixir do D<sup>r</sup> Mialhe  
 de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente.  
**GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.**  
 A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris



**A SEDA SUISSA**  
 É A MELHOR!  
 Peçam as amostras das nossas sedas novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:  
**Ottoman, Libor y, Côtele, Orpè de Chine, Loustine, Taftetas, Mousseline,** 23 cm. de largura a partir de fr. 1,25 o metro, em negro, branco e cor assim como as **blusas** e os **vestidos bordados** em batiste, lá, tole e seda.  
 Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos particulares e franços de porte a domicilio.**  
**SCHWEIZER & C.<sup>E</sup>**  
**Lucerna E. 12. (Suisso)**  
 Exportação de Sedas      Fornecedor  
 Corte Real

Os Agentes em Portugal  
**REEMBOLSAM O DINHEIRO**  
 a quem não tiver tirado resultado  
 na **BRONCHITE**  
**TOSSE, ASTHMA**  
**TISIS PULMONAR**  
 empregando o  
**XAROPÉ FAMEL**

PARIS  
 86, Rue de la Réunion  
 PREÇO: 800 REIS  
 Frasco de portia em todo o Portugal por 2 francos.  
 Depósito GERAL: 19, Rua do Arco a Jesus LISBOA

**COMPANHIA DO Papel do Prado**  
 Sociedade anonyma de responsabilidade limitada  
 Proprietaria das fabricas do Prado, Mafanala e Sobretelhino (Thomaz, P. n.º 1 e Casal d'Herminio (Lous), Valle Major (Albergaria a Velha), installa las ja a sua producçã annual de cinco millobes de kilos de papel e dispondo dos maq. hímicos mais aperfeiçoados para a sua industria.  
 \*\*\*\*\* ESCRITORIOS E DEPOSITOS: \*\*\*\*\*  
**LISBOA—210, RUA DA PRINCEZA, 276**  
**PORTO—49, R. DE PASSOS MANUEL, 51**  
 Endereços telegr.: LISBOA, COMPANHIA PAPEL DO PRADO—P. 471  
 —LISBOA, Numero telephónico: 368.

## AO A LEGIÃO PORTUGUEZA SERVIÇO DA FRANÇA

E' sabido que de 1807 a 1815 estivemos constantemente em guerra com os francezes, por causa da nossa alliança com a Inglaterra. Como succedeu que durante esse longo periodo uma legião portugueza serviu a França com fidelidade e gloria?

A surprehendente facilidade com que Junot se apoderou de Portugal em 1807, chegando a Lisboa quasi sem disparar um tiro, foi devida á attitude do governo portuguez que, sem deixar de servir secretamente os interesses inglezes, fazia acreditar, pelos seus actos publicos, que estava de accordo com Napoleão.

Vendo o seu governo tomar medidas offensivas contra os subditos do rei Jorge, expulsal-os do reino e confiscar-lhes os bens, os portuguezes que não estavam ao par dos segredos d'Estado deviam necessariamente concluir que o seu governo adheria, sem reserva, ao bloqueio continental. E quando em todo o Portugal correu a noticia de que um exercito francez atravessava as fronteiras, pensou-se, naturalmente, que elle vinha sustentar as medidas de rigor contra a Inglaterra.

O tratado de Fontainebleau pelo qual Portugal seria dividido entre a França e a Hespanha era, ainda, ignorado, e, na vespera da partida para o Brazil, o principe regente tinha ordenado aos fieis subditos de sua mãe demente que não hostilisassem os soldados francezes. Perante esta ordem podia-se realmente perguntar a D. João por que motivo fugia elle, mas dizia-se que era a isso obrigado pelos inglezes, e a explicação parecia plausivel.

Antes da sua partida, D. João tinha nomeado um conselho de regencia. Junot deu prova de habilidade politica conservando esse conselho cuja auctoridade incontestavel dava uma sanção legitima aos seus actos.

Emfim, os directores espirituaes do povo, como o patriarcha de Lisboa e o bispo do Porto, recomendavam nas suas pastoraes aos padres que durante as «praticas» na missa dos domingos aconselhassem os seus parochianos a que recebessem os francezes com a maior cordealidade.

Junot pôde, pois, sem difficuldade, licenciar o exercito portuguez e reorganisa-lo sob a fórma de uma legião destinada a servir a França, ao lado d'outros contingentes



Retrato de Napoleão I, pelo Barão Gron  
(Quadro existente no museu de Versalhes)

estrangeiros já incorporados nas tropas francezas.

Foram encarregados d'organisar a legião os tenentes generaes marquez d'Alorna e Gomes Freire d'Andrade, o marechal de campo D. Rodrigo Lencastre, os brigadeiros Pamplona, D. José Carcomo e Brito Mousinho e o coronel Antonio Freire Pêgo.

Começaram por dispensar todos os militares casados, os que contavam mais de vinte annos de serviço e menos de onze, e todos os officiaes que tinham direito á

reforma ou a pediam. Para estes ultimos não houve severidade alguma e muitos aproveitaram esta falta de rigor para deixar momentaneamente o serviço, e isto explica o motivo por que a insurreição portugueza encontrou, mais tarde, officiaes competentes para instruir e commandar as tropas.

Os organizadores reduziram de tal fórma o effectivo dos diferentes corpos que foi impossivel reunir o numero de homens que Junot calculára. A legião compoz-se, somente, de cinco regimentos de infantaria, tres de cavallaria, um corpo de tropas ligeiras que devia formar por si uma «legião», mas do qual apenas se pôde obter um batalhão de caçadores a pé e um esquadrao a cavallo.

O marquez d'Alorna foi nomeado commandante em chefe, Gomes Freire de Andrade seu immediato e o brigadeiro Pamplona chefe do estado-maior. Para commandar a primeira divisão nomearam D. José Carcomo e para a segunda João Brito Mousinho. Os coroneis de infantaria foram, por ordem de organisação, os seguintes: Joaquim de Saldanha e Albuquerque (mais tarde duque de Saldanha), marquez de Ponte de Lima, F. A. Ferreira Pêgo, conde de S. Miguel e Francisco Ferrari. Os dos dois regimentos de cavallaria eram: Roberto Ignacio Ferreira de Aguiar e o marquez de Loulé.

Assim que a legião pôde ser mobilizada, em abril de 1808, recebeu ordem de partir para Salamanca. D'esta cidade partiu para Briviesca, perto de Burgos, onde os portuguezes travaram relações com o «grande exercito» francez que durante tantos annos terrorizou a Europa.

O marechal Bessièrès estava em Burgos com um corpo de dez mil homens, entre os quaes se notavam alguns regimentos da celebre «guarda imperial». O contacto com estas tropas enthusiasinou os portuguezes, que começaram a sentir uma profunda admiração pelo grande imperador que creára tão formidavel poder militar.

Confundidos, perdidos entre a enorme massa do «grande exercito», os portuguezes sentiram-se orgulhosos em participar da gloria d'esses heroes, considerando-se dignos de os egualar.

As deserções que, antes, se repetiam cessaram como por encanto. Os legionarios portuguezes só pensaram, d'ahi em diante, em



Retrato do general Junot, por Rovero (Quadro existente no museu de Versalhas)

fazer boa figura ao lado dos seus companheiros de armas, e de manter, intacta, a representação militar do seu paiz.

N'esta epoca a Hespanha ardia em revolta. Os acontecimentos de 2 de maio de 1808 tinham provocado uma insurreição geral, e os francezes foram obrigados, no primeiro momento, a recuar perante um verdadeiro levantamento popular.

Para não deixar a legião em contacto com os hespanhoes insurgidos, pois temia-se pela sua fidelidade, foi resolvido que ella marcharia, sem demora, para França. Mas a esse tempo já os francezes conheciam o caracter portuguez e viam o abysmo que separava os dois povos. Os generaes francezes resolveram, pois, utilizar os seus serviços mesmo em

Hespanha; e como então se pensava em cercar Saragoça enviaram mil e oitocentos portugueses a Verdier, encarregado do cerco.

O commando d'esses homens foi entregue a Gomes Freire, o qual, persuadido de que Portugal estava definitivamente ligado a Napoleão, não teve nenhum escrúpulo em servir a França. Por outro lado os generaes francezes sabiam apreciar o seu merito, conheciam o seu passado militar, e julgavam-o, com razão, como um homem intelligente e energico. De accordo com a sua patente de tenente general, teve elle debaixo das suas ordens, em Saragoça, uma divisão franco-portugueza, a que formava o centro do exercito de Verdier.

Logo no dia seguinte á chegada de Gomes Freire procedeu-se ao assalto geral da praça. Os portuguezes perderam muita gente, e ter-se-hiam deixado matar até ao ultimo se o visconde d'Assese, ajudante de Gomes Freire, não o viesse avisar da entrada dos francezes, por uma brecha da porta de Santa Engracia. Gomes Freire, ao ter esta noticia, lançou-se, com a sua divisão, no encaço dos francezes, e, avançando até ao centro da cidade, achou-se diante de um edificio lugubre e silencioso. Era o palacio da inquisição. Deu ordem de arrombar as portas e penetrou nos sombrios corredores completamente desertos, porque os inquisidores tinham fugido. Os portuguezes quebraram as portas dos calabouços, onde, pela primeira vez, entrou a luz do dia, e de traz da porta chapeada de um d'esses antros surgiram dois prisioneiros quasi mortos de fome, pois havia tres dias que nada tinham comido. Eram uns infelizes catalães presos vinte annos antes pela suspeita de serem francmaçons! Gomes Freire deu-lhes a liberdade, soccorreu-os e obteve-lhes passaporte



Imperatriz por Gerard (Quadro existente seu de

Josephina Gerard (Quadro existente no Museu de Versalhes)

para voltarem a Barcelona. O combate de Saragoça custou á legião trezentos homens, entre mortos e feridos.

Dias depois chegou ordem do imperador para que a legião portugueza fôsse internada em França. Napoleão achava-se, então, em Bayona com a imperatriz Josephina. Tinha elle comprado uma casa de campo em Marac, nas immedições da cidade. Josephina e as damas da corte viviam em constante festa, organisando alegres reuniões nos jardins da residencia, ás quaes Napoleão gostava de assistir para se repousar das preoccupações da politica.

Os regimentos portuguezes, á medida que chegavam a Bayona, recebiam ordem de continuar a marcha até Marac. Lá formavam em linha n'uma praça situada ao fundo dos jardins, onde Josephina, cercada da sua corte, vinha incontinentemente visital-os. Logo depois apparecia Napoleão com o seu cortejo: o major general, os marechales, os ajudantes de campo e os officiaes ás ordens.

Rufavam os tambores, trocavam-se continencias; o imperador avançava á frente das tropas e segundo o seu habito inspecionava os soldados um a um. Pamplona, que se conservava a seu lado, traduzia as ordens em portuguez, e os legionarios tinham a honra de manobrar ás ordens do primeiro capitão dos tempos modernos.

Terminada a revista ouvia-se o commando de romper fleiras, e os portuguezes iam jantar com a guarda imperial, nas enormes barracas que lhe serviam de quartéis. Uma noite a imperatriz desejou vêr os legionarios a cantar e dançar á moda portugueza. Josephina, que era creoula, gostou immensamente das nossas cantigas, que, pela sua toada melancholica, lhe lembravam o seu paiz.

De Marac os portuguezes foram para as guarnições que lhes tinham sido desti-

nadas: Tarbes, Pau e Auch. Em Tarbes estabeleceu-se o quartel general da legião. O general Muller recebeu ordem de organizar as tropas portuguezas á franceza e o seu primeiro cuidado foi dar baixa aos soldados e officiaes que não estavam no caso de entrar em campanha. Muitos officiaes receberam auctorisação para voltar a Portugal; mas, assim que Muller soube que Junot estava ás voltas com uma insurreição, suspendeu essas permissões.

Da legião reorganizada resultou uma divisão de tres brigadas: duas de infantaria e uma de cavallaria, comprehendendo seis regimentos de infantaria ligeira, dois regimentos de

dos Pyreneus, resolveram designar-lhes outras na região dos Alpes. Grenoble, Valence e Romans receberam os regimentos de infantaria e a linda cidade de Grey a cavallaria. Estimados pelo imperador, bem tratados pelos generaes e pouco sobrecarregados de serviço, os portuguezes achavam-se satisfeitos. Entre elles e a população travaram-se relações de amizade, para o que muito contribuiu a boa indole dos exilados. Os pobres soldados soffreram, porém, uma grande decepção quando souberam que não tinham sido comprehendidos na convenção de Cintra. Alguns officiaes morreram de desgosto; a maioria, porém,



Napoleão em Wagram

caçadores a cavallo e um esquadrão d'artilharia. Cada regimento de infantaria devia ter tres batalhões, cada batalhão duas companhias e cada companhia cento e quarenta homens. Os regimentos de cavallaria tinham, cada um, quatro esquadrões, o esquadrão duas companhias, e estas contavam cem homens. Criou-se, mais, um batalhão e um esquadrão de trem, notando-se que o sexto regimento de infantaria e o parque de artilharia nunca passaram de projecto. O marquez d'Alorna e Gomes Freire ficaram com as suas patentes anteriores, mas a titulo puramente nominal.

Como nas guarnições, a que foram enviados, os portuguezes estavam muito perto

comprehendeu que o seu destino estava, d'ahi em diante, ligado aos francezes, e accitou heroicamente esse golpe. Deve-se, entretanto, notar que Napoleão empregou todos os meios para os interessar na sua sorte, e fez bem, porque nas campanhas que se seguiram os portuguezes foram sempre fieis á bandeira franceza, apezar do exemplo de outros contingentes estrangeiros que não perdiam occasião de passar para o inimigo.

Quando se decidiu a campanha da Austria, a legião portugueza forneceu ao exercito do Danubio uma brigada composta de tres batalhões escolhidos, de seiscentos e quarenta homens cada um e commandados por deze-

seis dos melhores officiaes.

O coronel Pego recebeu o commando da brigada, e não querendo collocar os portuguezes sob as ordens de um general francez, o imperador decidiu que esse pequeno corpo gosasse de uma certa independencia no exercito do marechal Oudinot. D. José Carcomo e o conde do Sabugal foram addidos ao estado maior do marechal.

Emquanto a meia brigada portugueza se encaminhava para a Baviera, o general Vallette ia a Grey a fim de organizar dois regimentos de cavallaria, com dois esquadões cada um. Os respectivos commandos couberam ao coronel Roberto Ferreira d'Aguiar e ao marquez de Loulé. O chefe de esquadão J. de Mello ficou em Grey a tratar da remonta.

dinot que occupasse uma collina cuja posse era necessaria para as operações do dia

seguinte. Oudinot fez marchar ao assalto a divisão em que estava encorporada a meia brigada portugueza.

O archiduque Carlos, que sabia o valor d'aquella posição, tinha-a preparado para uma defeza enérgica. A noite approximava-se. Das aguas do Danubio subia um nevoeiro denso, obscurecendo mais o fim do dia, e por isso mal se via. A divisão trepava a collina aos gritos de «viva o imperador!» Quando de repente, no alto, duas baterias austriacas começaram um fogo terrivel de metralha sobre os assaltantes que, feridos pelas descargas repetidas, caíam em massa. Os francezes, aterrorizados, recuaram em debandada, mas os offi-



Carga dada pela cavallaria portugueza em Wagram

Até Wagram a legião portugueza não teve occasião de se fazer notar. A cavallaria era utilizada para escoltar os prisioneiros e a infantaria tomou parte em alguns combates secundarios nos quaes perdeu cento e quarenta homens.

Em Vienna a infantaria e a cavallaria reuniram-se, uma semana antes da celebre batalha que arruinou as esperanças da Austria.

A situação n'aquelle momento era grave. Ao combate d'Eslong não se podia chamar propriamente uma victoria. Tornava-se indispensavel que a nova batalha fôsse um triumpho para os francezes. Para esse fim Napoleão tomou todas as cautelas possiveis. Na vespera do dia em que se devia travar a grande acção geral, ordenou elle ao marechal Ou-

ciaes portuguezes Pêgo, Ferreira e Stuart gritavam aos seus homens: «Avante! Vamos mostrar quem somos!» E os meios batalhões que elles commandavam continuaram a subir intrepidamente. A sua aparição no alto da collina surpreendeu os austriacos que, atacados de improviso, nem sequer fingiram resistir e debandaram. Reunidos depois pelos seus chefes, fizeram ainda uma enérgica tentativa para reconquistar a posição perdida, e enquanto os portuguezes se defendiam como heroes, os francezes, envergonhados da sua fuga, appareceram novamente ao lado dos homens da legião, e os austriacos tiveram então que retirar definitivamente derrotados, de forma que graças á energia dos portuguezes as ordens do imperador foram fielmente executadas.

D'este bello procedimento occupou-se o ajudante de campo Berthier, n'uma carta dirigida a seu pae, dizendo ter sido testemunha ocular do combate. O general Foy, na sua Historia da Guerra da Peninsula, diz a tal respeito o seguinte:

«Dois batalhões portuguezes cobriram-se de gloria na vespéra da batalha de Wagram; e o proprio imperador alludia a esse feito d'armas quando n'uma reunião diplomatica em Fontainebleau disse ao conde d'Ega: — Não ha na Europa melhores soldados que os portuguezes.

A meia brigada da legião contribuiu, por

va as posições inimigas acampando nos arrabaldes de Vienna. Napoleão foi visitar a legião portugueza, e, ao passal-a em revista, distribuiu sessenta e duas cruces da Legião de Honra, o que representava uma proporção verdadeiramente extraordinaria, visto que a legião, ao entrar em campanha, na Austria, contava, apenas, dois mil quinhentos e sessenta homens.

Quando se assignou a paz, as tropas portuguezas foram addidas ao corpo d'exercito commandado por Davout, e depois de diferentes marchas e guarnições, em que colhia sempre os maiores elogios, chegou, final-



Napoleão recebendo as chaves de Vienna (Quadro existente no museu de Versailles)

uma grande parte, na victoria de Wagram e muitas vezes se distinguiu, mas á custa de grandes baixas, pois esteve exposta ao fogo longas horas e fez duas cargas á bayoneta.

Perdeu na batalha quinze officiaes e quatrocentos inferiores e soldados. Na cavallaria deram-se menos baixas, porque não teve oportunidade d'entrar em acção, a não ser no fim da batalha, em que ella destroçou uma brigada de cavallaria austriaca que tinha envolvido um regimento francez. A carga dos portuguezes foi tão impetuosa que os austriacos foram obrigados a render-se.

A batalha de Wagram teve lugar a 6 de julho de 1809. No dia 7 o exercito occupa-

mente, a Paris, no mez de agosto de 1810.

Os portuguezes mostraram-se maravilhados pelo esplendor da cidade, que era n'aquelle tempo, como hoje, a capital do mundo civilizado.

Napoleão dispensou-lhes a maior afluencia. Em primeiro lugar mandou-os alojar nas casernas da «guarda imperial», distincção que nunca fôra dada a tropas estrangeiras. Depois o imperador quiz passar elle mesmo a legião em revista, e fel-o com tanta solemnidade que todo o mundo percebeu a sua intenção de querer ganhar o coração dos portuguezes.

Da praça Vendôme, onde se reuniram os

cinco batalhões e os quatro esquadrões da legião, começou a desfilar; e quando os portugueses penetraram no vasto portico das Tuileries ficaram litteralmente ofuscados com o maravilhoso espectáculo que descortinavam. O grande imperador a cavallo, cercado de todo o seu estado maior e d'alguns marechaes, esperava os portugueses. Os lados da immensa praça estavam guarnecidos por diversos batalhões da guarda imperial e pelos esquadrões de mamelukos que, fardados brilhantemente, á moda oriental, quebravam a monotonia severa dos uniformes do exercito.

Guarnecendo as janellas do palacio viam-se Maria Luiza, a nova imperatriz, todas as damas do paço e muitos convidados. No meio d'esta pompa militar e graciosa desfilaram os portugueses, ao som das musicas, maravilhados de tanto esplendor.

A legião formou em columnas por meios batalhões, a pequenas distancias, e Napoleão passou a revista. Era então costume no «grande exercito» durante uma revista todo o simples soldado raso poder reclamar qualquer coisa justa ao imperador.

O soldado que lhe desejava falar batia na arma quando elle lhe passava em frente. Napoleão parava immediatamente e ouvia o pedido sempre de bom humor.

Justamente isto aconteceu na revista. Um grandeiro bateu na espingarda. O imperador, encantado de que um soldado portuguez não hesitasse, tambem, em appellar para a sua justiça, perguntou-lhe o que queria. O soldado disse-lhe que as tropas da legião recebiam, em dia, o seu soldo, mas que o atrazado de dezembro de 1809 ainda não lhes tinha sido pago. No dia seguinte realisou-se esse pagamento.

Terminada a revista, a legião formou

em divisão, e Napoleão, no meio da praça, cercado dos marechaes, perguntou aos portugueses, com a sua voz forte e sonora, se elles queriam ir á sua terra combater os inglezes, que eram os verdadeiros oppressores de Portugal. Os legionarios hesitaram um momento, mas d'alguns grupos responderam: *Sim!* E toda a legião applaudiu.

O imperador provocou, d'esta fórma, uma especie de juramento de fidelidade; no fundo, porém, não julgava prudente submitter a legião a semelhante prova.

Mas o enthusiasmo dos portugueses rebentou, sincero e espontaneo, quando o imperador lhes disse: «Para vos provar em que estima tenho o vosso valor, confiovos, durante um mez, a guarda da minha capital.» Longos e calorosos vivas responderam a estas palavras.

A distribuição d'algumas cruzes da Legião d'Honra coroou a magnifica festa. Depois a legião desfilou em boa ordem e recolheu a quartéis, onde os commandantes encontraram cartas dos seus collegas da «guarda» convidando toda a legião a jantar em diferentes logares. No vasto pátio dos caçadores da «guarda» tinha sido armada a maior mesa, que continha mil e quatrocentos talheres.

No dia seguinte os parisienses admiravam-se de vêr soldados estrangeiros guardando as Tuileries porque era uma honra

que não era concedida nem mesmo ás tropas francezas que não pertencessem ao corpo d'exercito chamado «a guarda.»

(Continua.)

A. D'AGUILAR.



Grandeiro de guarda ás Tuileries

## FIGURAS E FACTOS

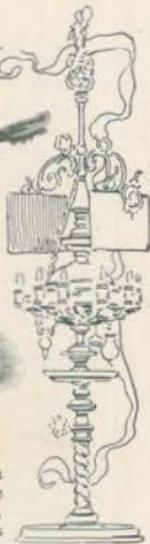


ROMPER D'ALVA—A litteratura portugueza pôde contar, desde hoje, com mais um gentilissimo poeta, em tudo digno da alta nobreza litteraria do nome que usa: Alberto Monsaraz. Filho do grande poeta da *Musa Alemtejana* e do *Ultimo Romantico*, a sua estreia, com esse delicioso livro que é o *Romper d'Alva*, teve as honras do um acontecimento e a significação d'um verdadeiro triumpho. Alberto Monsaraz revela-se na sua primeira obra um lyrico de singulares recursos, cheio de espontaneidade e de aativo sentimento, modelando e cinzelando os seus conceitos no mais puro ouro da lingua portugueza e afirmando-se, no dextro e fidalgo manejo de todos os metros e de todas as fôrmas, um poeta de raça. Muito moço ainda, as suas predilecções por determinados motivos lyricos accentuadamente amorosos são evidentes no *Romper d'Alva*, mas revestem-se de uma tão intensa espiritualisação, superiorisam-se tanto na originalidade do conceito e na ingenua transparencia da fôrma, attingem uma tão desusada e imprevisita expressão de simplicidade,—que são precisamente essas motivações predilectas, solicitadas pela mesma genealogia de influencias que produziu o lyrismo de João de Deus e de Antonio Nobre, a característica mais pessoal e mais interessante do livro de Alberto Monsaraz. O poeta illustre da *Catharina de Atayde* pode orgulhar-se no seu amantissimo coração de pae: Alberto Monsaraz honra o grande nome que herdou.

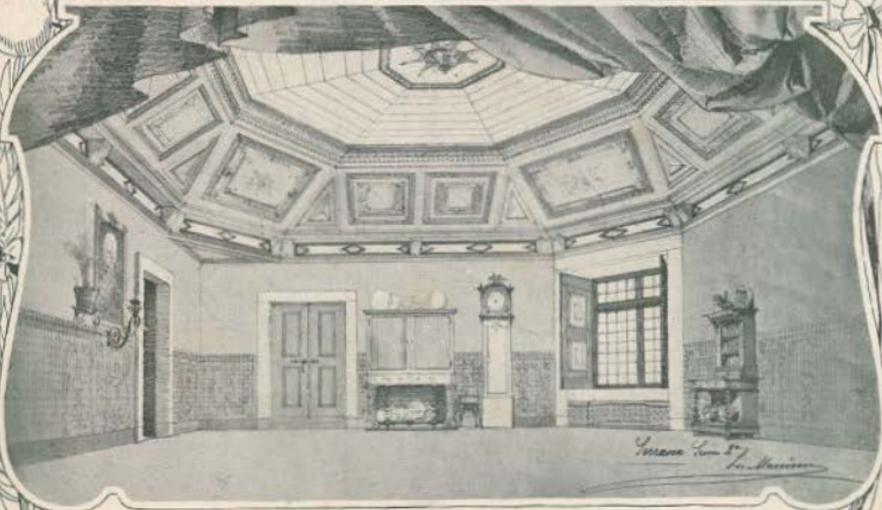


Cem annos de intervallo: José Lopes Caroco, 103 annos: Izabel d'Albuquerque, 3 annos. Quinta da Leda (1908)

# SERRANA



A *Serrana* é a terceira opera que se cantou de Alfredo Keil, e sem duvida a que foi mais applaudida e se tornou a mais popular das suas partituras. O respectivo assumpto, fundado em episodios e costumes da provincia da Beira, é, como os da *D. Branca* e da *Irène* e como os das outras duas operas do insigne e malgrado maestro ainda desconhecidas do publico, genuinamente nacional. Foi esta constantemente uma das preoccupações primordias do apaixonado artista, que, além d'isso, tanto ambicionou sempre vêr realisada a criação da opera portugueza. E que justificada alegria e orgulhosa sa-



1—Alfredo Keil. 2—Musicos de aldeia (Projecto de figurinos desenhado por A. Keil). 3—Projecto de scenario para o 2.º acto da *Serrana*, desenhado por Manini

tificação não experimental e seu espirito expansivo e entusiastico se porventura fosse dado ao pobre Keil assistir agora ao indiscutivel triumpho que constituiu a representação da sua *Serrana* pelo selecto grupo de artistas lyricos nacionaes que a empreza Taveira conseguiu, á custa de desvelados esforços, reunir no theatro da Trindade.

Foi ha dez annos que a *Serrana* subiu á scena, pela primeira vez, em S. Carlos, e por signal que no mez de março tambem, tendo então por interpretes, além de Eva Tetrassini e de Cartica, o barytono Ancona, que aproveitou agora o ensejo para assistir á audição da Trindade, pela companhia portugueza, e que foi um dos primeiros a applaudil-a. Depois, a *Serrana* cantou-se de novo n'uma epoca lyrica do Colyseu. Em ambas as occasiões a inspirada partitura de Alfredo Keil alcançou o mais lisongeiro e merecido successo, tornando-se um dos melhores titulos

da consagração popular do illustre musico. O exito da sua representação na Trindade, com



o bello libretto de Lopes de Mendonça executado pela primeira vez na nossa lingua, excedeu, porém, todos os antecedentes, e conquistou á *Serrana* o seu mais integro e completo triumpho. Concorreu para isso, deve acrescentar-se, para ser justo, o mais favoravel juncto de circumstan-



1—Segundo grupo de cantadeiras com adufeos 2—Delphina Victor (*Zabel*)—(*Clichés de FERNANDES*)  
3—1.º acto: A passagem da procissão (*Clichés de LIMA*)

Gabriel Prata e o tenor Julio Camara, que foram applaudidissimos, por varias vezes, todos os demais artistas, a quem couberam partes menos importantes, mas que igualmente revelaram na sua interpretação inegavel talento e correção, constituiram um conjunto harmonico admiravel, assegurando assim o indiscutivel successo do espectáculo, o mais importante dos que tem sido organizados até hoje pela empresa Taveira.

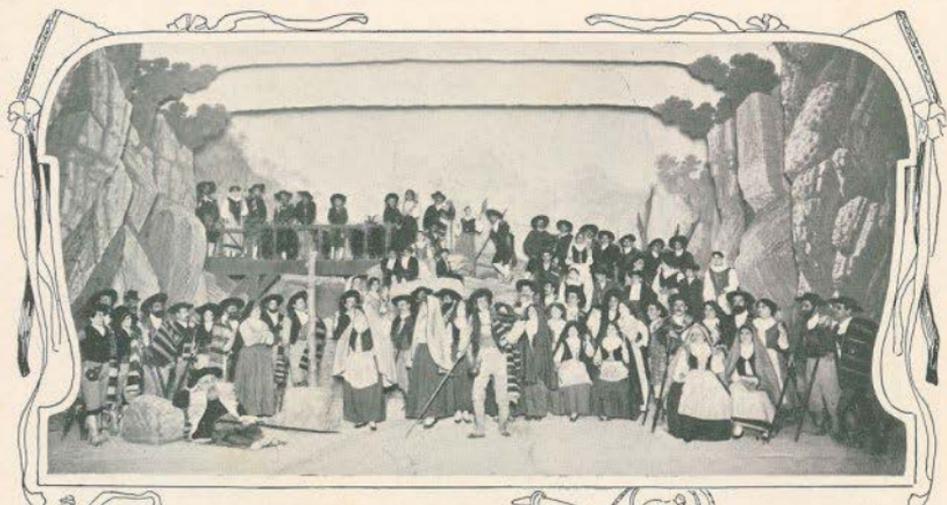


cias, desde a aprimorada execução dos côros e da orchestra,meticulosamente regida pelo maestro Luiz Filgueiras, até à encenação e ao guarda roupa magnifico de Affonso Taveira.

Os principais artistas da companhia portugueza, que se tinham incumbido da interpretação dos diversos personagens da opera, desempenharam-se com inquestionavel brilho do difficil encargo Delina Victor, na execução vocal da parte de Zabel, como na sua representação dramatica, foi sem favor uma notavel interprete da partitura de Keil. O barytono Bensaude, o baixo



1—Grupo de fandeiras 2— Mathias (1.º pastor)—(Cliché de FERREIROS)  
3—A scena de abertura do 1.º acto  
(Cliché de LIMA)



1-3.º acto: ao levantar do panno  
(Cliché de LIMA)

2—Grupo de pastores e pastoras

3—Leitão (Mannel)



Essa execução da *Serrana* pela companhia portugueza da Trindade representou, pois, uma homenagem bastante valiosa á memoria d'esse sympathico artista, cheio de inspiração e de talento, possuidor de tão vastas aptidões, que dispersou pela musica, pela pintura e pela poesia com a prodigalidade de um *dandy*, e d'esse amavel e bondoso companheiro de todos os artistas que foi Alfredo Keil, e que uma morte prematura levou de entre nós ainda não ha dois annos.

O seu sonho querido da opera nacional, que elle apostolou com tanto enthusiasmo, ahí está realisado, devido á fé e á energia de Affonso Taveira, e foi exactamente com a sua obra mais estimada que a tentativa louvavel do audacioso emprezario obteve a sua mais completa consagração. Que pena que o pobre Keil não pudesse ter assistido a esse glorioso triumpho da sua idéa conjuntamente com o magnifico triumpho da sua partitura!

(Clichés de FERNANDES)



A *Ilustração Portuguesa* devia á empresa da Trindade, pelo importante serviço por ella prestado á arte nacional, uma homenagem tambem; e por isso folga duplamente



1-3.º acto: Morte de Isabel (*Chiché* de LIMA)

2—Um trecho da precissão

3—A mulher da fogaça na precissão  
(*Chichés* de FERNANDES)

por poder prestar-lh'a ao mesmo tempo que recorda o nome do musico illustre que foi um dos primeiros propagandistas do pensamento, agora realísado, da creação da opera portugueza. A iniciativa de Affonso Taveira, que já não se perderá, é uma das que merecem, sem contestação, o maior incitamento e applauso, que o publico, felizmente, lhe não tem regateado. Ella significa um signal de revivescimento da nossa arte, que em outras das suas manifestações se denuncia igualmente; representa ainda um bello movimento, dentro dos mesmos dominios da arte, para uma resurreição tambem da consciencia da nacionalidade, cuja decadencia tem sido, deploravelmente, tanto no campo da especulação intellectual, como no da actividade social, um dos maiores males dos ultimos tempos. Oxalá, pois, que o bom pensamento e a proficua iniciativa não só vençam, mas tambem fructifiquem.





1—O empresario Afonso dos Reis Taveira  
 2—O maestro Luis Filgueiras  
 3—Gabriel Prata (*Nabor, o velho maior*)  
 4—O barytono Mauricio Bensaude  
 (*Marcello*)  
 5—Grupo de cantadeiras com adules  
 (=Antonio Sá *André*)  
 7—O tenor Julio Camara (*Pedro*)

(Clichés de FERNANDES)

# UM GRANDE LÔGRO

O CONCURSO DO MONUMENTO  
COMEMORATIVO DA GUERRA  
PENINSULAR



Costa Campos.  
Simões d'Almeida sobrinho

qualquer assumpto,  
por mais capital in-  
teresse que elle assu-  
ma, vae já esquecido



1-2.º premio o projecto dos srs.  
Costa Campos e Simões  
d'Almeida sobrinho

N'uma cidade voluvel  
como Lisboa, incapaz de  
demorar a attenção sobre



3-2.º menção honrosa: e outro  
projecto dos mesmos auctores  
2 e 4—Projectos cujos nomes  
de auctores são ignorados

o recente concurso para  
o monumento commemo-  
rativo das guerras penin-



O QUE SERIA, NA PRAÇA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, O ARCO TRIUMPHAL PROJECTADO PELO SR. VENTURA TERRA, E O QUE SERÁ, PROPORCIONALMENTE, O MONUMENTO PREMIADO EM CONCURSO  
 Os auctores dos dois projectos: o architecto sr. Ventura Terra, e os srs. José e Francisco d'Oliveira Ferreira

sulares, cujas *maquettes* estiveram até hontem em exposição na Sociedade de Geographia.

Os milhares de pessoas que em frente d'essas *maquettes* circularam, commentando as resoluções do jury, satisfizeram-se com a sua contemplação, e depois de constatarem que o concurso puzera em evidencia uma actividade artistica digna dos maiores incentivos, debandaram sem considerar no mais importante factor de apreciação:—o local destinado á creação do projectado monumento, que viria a ser um importante subsidio d'arte para a decoração de uma cidade cuja modestia artistica confrange.

E, entretanto, só é possível chegar a conclusões exactas na apreciação de concurso tão unanimemente festejado, mettendo em linha de conta esse elemento primacial de critica. Toda a analyse, por mais escrupulosa, fica comprometida, se abstrahir do destino do objecto analysado.

Ninguém mais do que nos sente ter de intervir com vozes discordantes no cõro de louvores que levianamente consagrou um concurso, a que haveremos de chamar, para sermos sinceros, um formidavel lôgro. E' preciso dizel-o, a tempo e sem rodeios: o famoso concurso, promovido pela commissão official do centenário, foi um desastre, para o qual urge procurar remedio, embora a resolução salvadora ponha em litigio interesses lesados e vaidades feridas. Não corrigiremos a cathgorica opinião que acabamos de expôr, nem lhe procuraremos suavisar com amáveis subterfugios, sob atavios hypocritas, a rudeza com que a exprimimos. O que para ahí vemos a decorar jardins e praças com o distico pomposo de monumentos bastaria para nos estimular á resolução de intervir n'um pleito que pretendia fechar-se entre congratulações e applausos. Se exceptuarmos a estatua equestre de D. José, no Terreiro do Paço, e benevolmente lhe acrescentarmos o monumento do Rocio, cuja columna corynthia, de nobres e esbeltas proporções, se harmonisa com a fachada grega do theatro D. Maria, embora a estatua de D. Pedro se perca sem destaque na atmosfera, os restantes monumentos, mesmo aquelles que possuem intrinsecos merecimentos de arte, dão a impressão de estarem fóra do seu logar, tanta a desproporção do seu vulto com o ambiente, de onde resulta o ficarem reduzidos, na sua maioria, a ornamentos mesquinhos, e assim perder-se, com sacrificio da cidade, o seu essencial proposito decorativo. Em que principios de esthetica se baseia, por exemplo, o obelisco da Restauração, para interromper a perspectiva de uma Avenida, que conviria conservar intacta, e com a qual se harmonisaria apenas um arco de triumpho? Em que outras bases que não sejam as de um orçamento exiguo se projectou a estatua recente de Saldanha, evidentemente desproporcionada com a amplidão do recinto, fechado por uma cintura de altos predios?

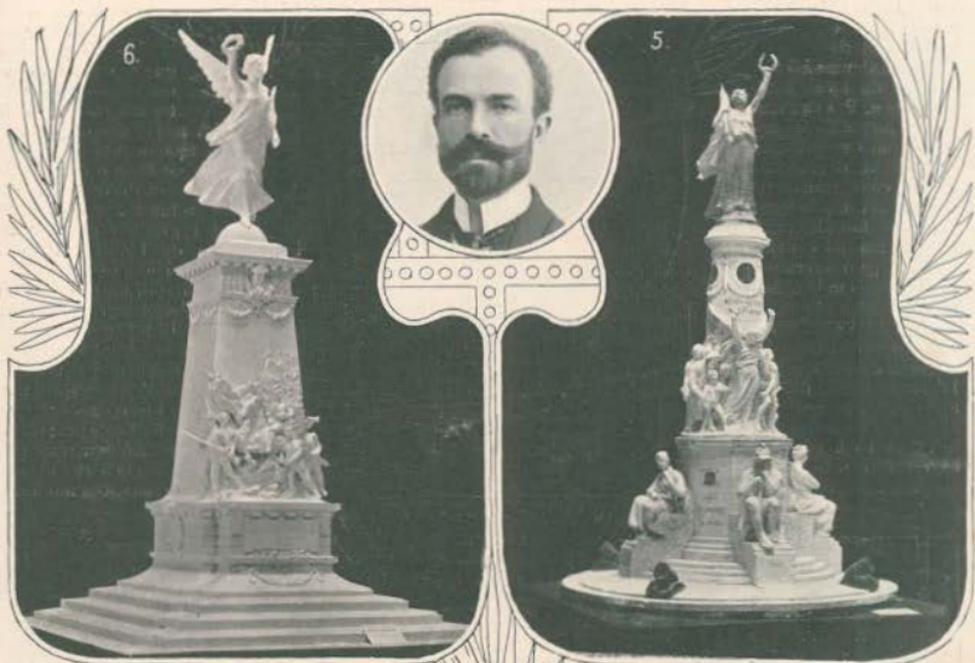
A collocação de um monumento entendemos que não pôde, de fórma alguma, ser assim arbitraria, e antes deve obedecer

cer a condições, de antemão reguladas, de esthetica urbana, de modo a tornarem-se possiveis essa impressão de

harmonia, que é a belleza maior de uma cidade, e esse equilibrio de proporções, que constitue a sua grandeza mais objectiva. Reconhecida a impossibilidade de resgatar a vastissima Lisboa da sua vulgaridade architectonica, e de a embelezar proporcionalmente em toda a sua area desmedida, o que conviria fazer seria accumular em limitado espaço os elementos decorativos, de modo a obter-se ao menos um nucleo de ruas, praças, avenidas e jardins digno da hierarchia de uma capital europeia. Debaixo d'este ponto de vista achamos bem orientado o movimento que pretende agglomerar nos bairros novos do norte, nas immediações do futuro parque Eduardo VII e d'esse outro futuro parque do Campo Grande, cujo grandioso plano cumpre acautelar de explorações gananciosas, os monumentos projectados, á frente dos quaes o de Pombal, que deve coroar essa avenida que o seu genio previu na planta do engenheiro Mardel, e que só um seculo depois da sua queda a iniciativa de um burguez sagaz levou a cabo. Contra o que nos insurgimos é contra o desatino com que se pretende pela segunda vez interromper a perspectiva de uma avenida e collocar n'uma praça de oitenta metros de diametro um *biblot* de 12 metros de altura.

Não entraremos na analyse das *maquettes* concorrentes, nem é nosso proposito abrir aqui um debate de critica de arte. A nossa pretensão é mais modesta, e para a esclarecer melhor, pondo-a ao abrigo de quaesquer interpretações erroneas, que envolvessem desprimor para os artistas concorrentes, vamos até admittir que os projectos, considerados independentemente da sua applicação ao local, são, na sua quasi totalidade, manifestações authenticas de talento, se bem que na sua maioria accusem pobreza de imaginação na parte architectonica, compensada em bellezas de detalhe e no dom quasi geral de agrupar figuras em movimento, no que os esculptores portuguezes se revelam beneficemente influenciados pelas grandes correntes reformadoras da estatuaria contemporanea.

Mas no que esses projectos são desastradamente inferiores, com excepção do arco do architecto sr. Ventura Terra e talvez do monumento *alemão* do architecto sr. Alvaro Machado, é nas suas relações de equilibrio e harmonia com o local que lhes fôra antecipadamente destinado. Firmes no nosso proposito de não entrarmos na apreciação artistica das *maquettes*, estas excepções não podem nem devem implicar indícios sequer de preferencia, e apenas servem para exemplificar o nosso ponto de vista. Collocado na praça Mousinho d'Albuquerque, no extremo da avenida Ressano Garcia, á entrada do Campo Grande, o projecto premiado não só comprometterá uma futura concepção monumental exigida pela ampliação do parque, como ficará mesquinhamente comprometido pela desproporção esmagadora entre a exiguidade do seu vulto e



o seu vastíssimo ambiente. Dados os recursos modestos em que a comissão do centenário enclausurava a inspiração dos artistas, não lhes consentindo exercel-a

em projectos de dispendiosas dimensões, era de prever que qualquer monumento concebido dentro do critério convencional que presidiu á factura de

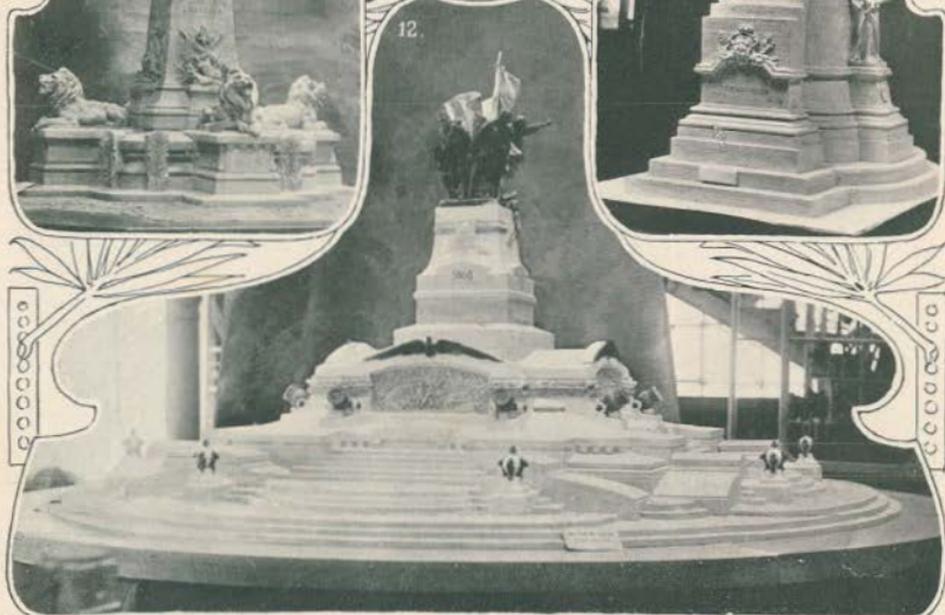


Thomaz Costa—6—5.ª menção: O projecto do sr. Thomaz Costa  
5 e 7— Projectos cujos nomes dos auctores são ignorados  
Costa Motta—8—4.ª menção: O projecto do sr. Costa Motta

quasi todas as *maquettes*, não corresponderia de forma alguma ás exigencias do local. Isso aconteceu. Por sua vez o jury, julgando-o com o criterio com que julgaria uma obra de arte destinada a um museu, consagrou o erro inicial, porventura indeciso perante as insuficiencias do programma de concurso e movido pelo escrupulo de prejudicar, em beneficio de considerações puramente de ordem architectonica, o trabalho imaginativo do artista a quem conferiu o premio. D'esta successão de erros de apreciação, provenientes do abandono do unico criterio justificavel em taes casos, e aggravados pela exigencia, estipulada no programma do

concurso, de uma *maquette* dispendiosa.

que representava para muitos dos concorrentes um pesado sacrificio, resultou o disparate de um monumento de seis metros de base e doze de altura para decorar uma vasta rotunda, *terminus* de uma avenida com 50 metros de largura. Pode o monumento ser, depois de executado, um primor de arte. A sua desproporção com o local onde vae ser erigido reduzi-o-ha infallivelmente a um *bibelot* de vitrine. Para o salvar d'esse destino mesquinho um recurso resta: o de transferir o da praça Mou-sinho de Albuquerque para sitio mais em harmonia com as suas dimensões modestas.



9 — 1.ª menção: O projecto dos srs. Manuel Germano e Pereira Salles  
 10 e 11 — Projectos cujos nomes de auctores são ignorados  
 Alvaro Machado — 12 — 3.ª menção: O projecto do sr. Alvaro Machado.

(Clichés de BENOLIKI.)

# THEATRO



Marcellino Mesquita é um dos nossos dramaturgos de mais alto valor, pelo raro conjunto de qualidades que reúne, não só de intensidade imaginativa e de pujança litteraria, como de profundo conhecimento tecnico de todos os segredos da arte theatral. Guardadas as proporções que haverá que guardar, nenhum dos nossos outros escriptores dramaticos reproduz melhor o aggregado de condições que fizeram a grande popularidade de Sardou e lhe conquistaram a admiração de Sarcey. Melhor comprovação d'isto não pôde exigir-se depois do triumpho obtido, sem excepção, por toda a obra theatral de Marcellino Mesquita, na qual enfileiram algumas das peças de maior successo nos ultimos annos.

O seu ultimo trabalho, o *Envelhecer*, actualmente em scena no Principe Real, não só veio confirmar os altos credits do dramaturgo, mas ainda destaca com superior vantagem ao lado dos antecedentes.

O enredo do *Envelhecer* é de uma grande simplicidade, como o são todas as observações flagrantes da vida, e como o são, tambem, todos os themes de que os grandes manejaadores do theatro extrahem as suas obras de mais funda commoção. E' o mesmo episodio, por exemplo, do *Amour d'Automne* de André Theuriot: o amor de um homem no entardecer melancolico da vida,—quando o sentimento se torna absorvente e absoluto dentro do coração experimentado de todas as desillusões e desconfortos da existencia transitada,—por uma mulher mais nova, e que se eleva então aos traís supremos sacrificios de abnegação e desinteresse. O romancista francez, esse tratou-o com a dolorosa ternura calma e serena que era o feitto amavel do seu talento artistico. Marcellino Mesquita, com o ardor peninsular da sua imaginação, e o feitto especial tambem do seu talento, fez um empolgante drama de paixão, violento, que sacode os nervos dos espectadores e lhes deixa, quando o panno cêe, uma impressão intensa e prolongada no espirito, que constitue sempre o melhor testemunho do merito da obra de arte.



1—Marcellino Mesquita (Chiclé de VASQUES)

2—Uma das scenas mais intensas do ultimo acto do *Envelhecer* (Chiclé de RENOLIN).

# SPORTS



*A festa do Collegio de Caspoldi:*  
1—A assistencia 2—Os medicos drs. Saccadura e Jorge Cid, contando as pulsações dos concorrentes antes das corridas de velocidade  
3—Exercicios de gymnastica



*Os exercicios sportivos no quartel de engenharia: 1—El-Rei assistindo aos exercicios sportivos na parada do quartel 2—Um salto em altura 3—Lucta de tracção*



O CARTAMEN SPORTIVO DOS ESTUDANTES REALISADO NO VELODROMO DE PALHAVÃ

1—Os estudantes dos lycées de Lisboa aguardando na estação do Rocio a chegada dos seus collegas do Porto



2—Exercicios de gymnastica succa pelos alumnos do lyceu do Carmo

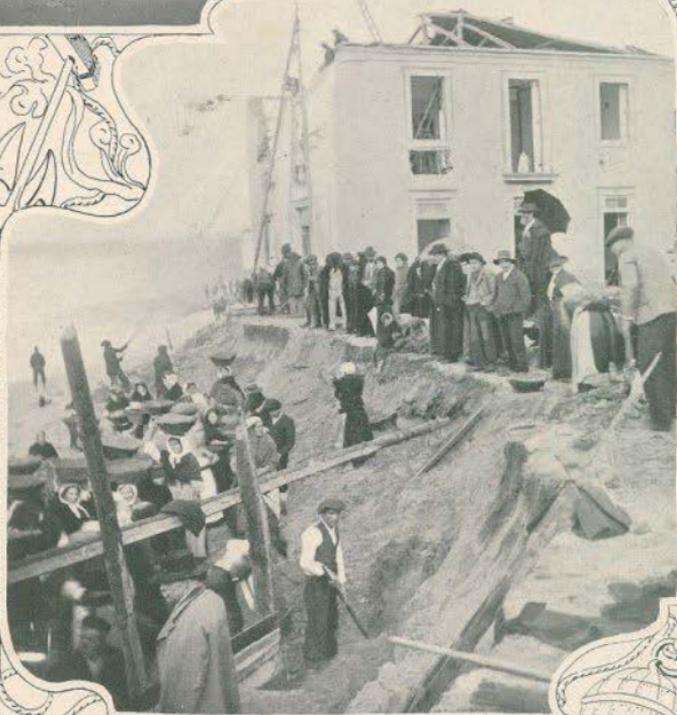


3—Os estudantes dos lycées do Porto e de Evora que vieram tomar parte na festa que com tanto brilho e enthusiasmo se realisou no Velodromo no domingo 25 do mez ando

(Chicês de RENOLIEL).

# A DESTRUIÇÃO DE -ESPINHO

Quando um primeiro telegramma annunciou ao mundo o cataclismo de Messina produziu-se um movimento universal de piedade, que repercutiu intensamente em Portugal. Viu-se então este pobre paiz, distrahir em lastimas pela alheia desgraça uma parte da dôr em que o mantém imerso o seu proprio infortunio. Desde os elementos officiaes, a nação inteira contribuiu para minorar com os seus soccorros ou com as consolações do seu pesar os males tremendos que enlutavam a Italia. E comtudo, sem a scenographia portentosa da catastrophe, uma tragedia se representava já a esse tempo, entre a indiferença nacional, nas regiões sacrificadas do Douro, onde a fo-

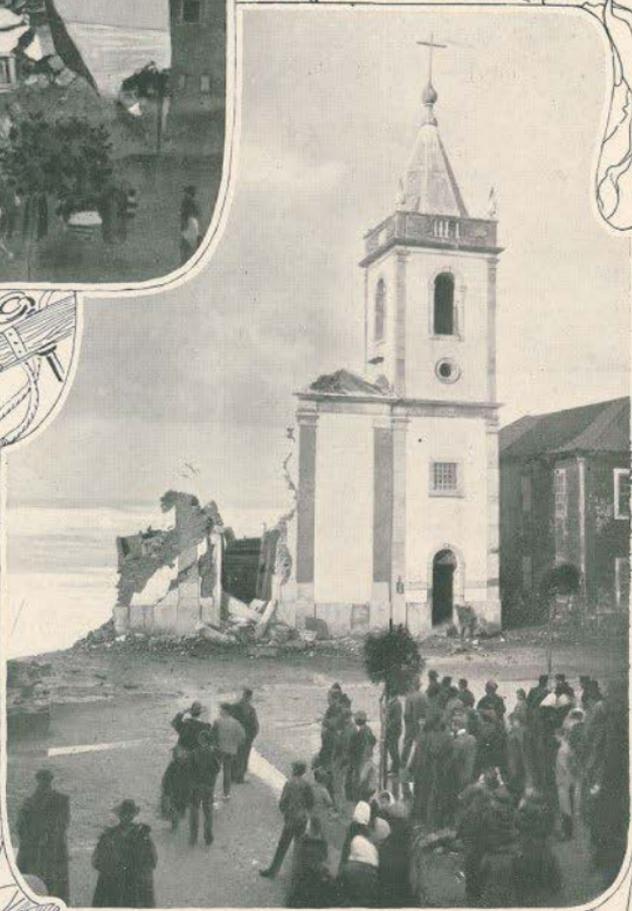


1.—Mar chão, maré baixa, em terreno reconquistado à povoação  
2.—Em frente ao mar 3.—Os que ainda teem casa

bre o alarido das victimas, e que o berreiro dos deputados cobre por sua vez o estrondo das ondas... Foi necessario que o actual ministro das obras publicas acordasse a burocracia somnolenta para que enfim ella falasse com essa imponencia com que sempre fala. Não vá pensar-se que inventamos. Depois de alguns annos de reflexão e de mudez, quando os sacrificados esperavam a salvação, o tribunal de technicos profere a sentença sapiente, digna de Salomão:—*Que se mude Espinho, visto elle não poder mandar parar as ondas!*



me fizera a sua apparição sinistra. Foi necessario que uma voz de comiserção e de bom senso se erguesse para fazer sentir o contraste entre a insensibilidade perante as miserias proprias e a lamentação perante os males estranhos, para que confluíssem para o Douro essas correntes de piedade que estavam a desviar-se para a sobrevivencia dos terremotos da Calabria. Um phenomeno identico se está dando com a destruição de Espinho. Enquanto o mar arazava uma povoação, a cinco horas de Lisboa, o parlamento estilhaça carteiras. A indifferença cruel com que o paiz está assistindo a esse drama emocionante é verdadeiramente espantosa, e basta para definir o estado moral de um povo. Debalde, d'essa villa florescente, que as ondas estão implacavelmente devorando, partem clamores de angustia. Dir-se-hia que o rumor das vagas co



1—A derrocada (Cliché do CONDUCTOR DE OBRAS PUBLICAS SR. ABEL MOTA).

2—Os ultimos dias de uma igreja.

# O RIO AVE



Se nos fosse possível designar, dos tempos já agora immemoriaes, sob que céu correu outr'ora a doce terra do *Paraiso*, talvez que a historia nos dissesse que havia sido nas margens d'este rio suave entre os suaves que *Minerva*, esplendidamente nua, mergulhando na agua verde o côr de rosa divino da sua pelle bonita, feriu, vivos de deslumbramento, os olhos dôces de *Teresias*.

Cegueira feita de fortuna, conta a lenda mythica que o cabreiro ficára vendo mais lindos céos, auroras mais azues, poentes d'uma mais viva polychromia. Cego de vêr a aurora romper as nevoas da noite, symbolicamente, n'um corpo que se despia — ficava-lhe n'alma uma mais alta ventura, mixto de visões passadas e novas causas de felicidade, em que se desenvolviam ramarias felizes, lentos pannos de rio, nevoas expirantes, doirados de cabelos longos, maciezas de carnes deslumbrantes! E, quem sabe? talvez o mesmo rio brando, a reflectir na sua corrente eterna eternos céos de eternas estações.

Rio d'écloga, cujas aguas, correndo entre silvados verdes, até ao marinho *paran*: crystalisa pelos nevoeiros violetas de fevereiro; ri, ao sol, nas manhãs cheias de vida, que enriquecem o oiro das maiaes novas; e pelo cahir das folhas, monotono e vagaroso, parece comprehender, como nós proprios, essa melancholia evocadora d'uma estação que se despede.

E no emtanto já passaram ha muito os cabreiros de montado que

alegravam o seu viver paradisiaco; já, mil vezes rogada, se apartou dos seus lameiros aterciopelados a flauta divagadora do grande, *Pan* helenico; e agora, confrangido, como na antevisão

d'um fim amargo, mal se ouve, mal escuta, muito leve, n'aquelle frio d'agua que se desdobra atravez as terras da nossa terra.

Por vezes parece remoçar. Nas grandes descidas (poucas, certamente), recurva-se e bate, em espumas e nevoeiros de frescura, as lages claras, os silvados agrestes, as franças tenras dos amieiros. Mas logo cança, rendido; abate a impetuosidade do vôo, deslisando suave como um rebanho...

Chamar *ave* a um rio d'este volume de aguas, é quasi uma ironia. As aves dão-se mal á tristeza; teem o vôo, que é a aspiração, o sonho ininterrupto. É este rio (como todos os rios são velhos) é um velho triste, que se esgota na vida.

Tal a doce impressão que de todas as vezes me tem dado o rio d'écloga, fino, de que me cabe a honra de escrever.



1—Um aspecto da ponte de Brito  
2—Rio Vizella entre Lordello e Vizella

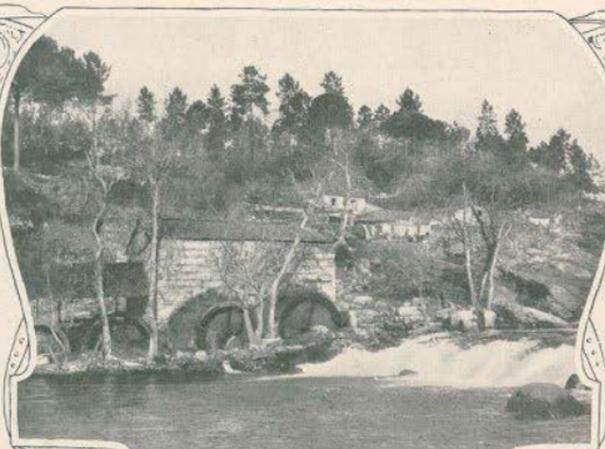
Duas vezes tem aspectos admiraveis a corrente do rio *Ave*; quando passa sob a ponte das *Caldas das Taipas* e quando em *Canições* se reúne a todas as aguas do *Vizella*. Nas outras

linhas de terra é, suavemente, um parasita gosando a natureza com uma intuição de stouico.

Ora os moleiros de Brito (nos arredores de Guimarães) tiram do rio todo o proveito necessario, quando o pequeno leito do Ave se eleva pelos mezes d'inverno.

O moleiro é um habitante antiquissimo das margens dos rios minhotos. Conhece-se, pelo typo, em todas as povoações; tem uma familia com costumes diferentes da dos lavradores de que é visinho; e o seu trabalho isola-se por completo dos trabalhos agricolas que o cercam.

Em Brito ha uma colonia de moleiros muito curiosa, que se distingue facilmente pela côr ruiva das suissas, pelas sardas ame-



ladas das faces, pela escolha dos vestuarios claros, quasi sempre côr de mel.

Quando apparece na cidade, em dias de trabalho, um moleiro de Brito ou do Sêlho (uma pequena affluente do Ave) é sempre com as taleigas de farinha, uns saccos de pelle de car-

neiro, voltados do avesso, rapados como bexigas de porco, que enchem da moedura. Geralmente poisam á porta das padarias; e descarregando as taleigas, apertadas com o arroxo, entregam as farinhas e carregam novos milhos para o engenho.

A officina d'estes moleiros de Brito é, em industria manual, tudo quanto hoje encontramos de mais antiquado. Imagine-se



1—Entre Caniços e Riba-Ave  
2—Rio Ave no lugar do Paraíso (Caldas das Taipas)



um deposito de castanho, triangular, com tres palmos de comprimento por cada angulo; dois d'estes angulos desenham-se obliquamente; um outro, ao alto, recto; e no deposito d'esta configuração, gradualmente, depositam o centeio ou milho para o trabalho.

Em baixo, n'uma esphera de pedra, movente, passa a moagem.

E ali temos o milho deitado em cima, no deposito (*moega*), que é regulado, ao centro, por uma pequena cavilha de madeira (*quita-*



*douro*), para moer com maior ou menor velocidade; que cae vagarosamente pela *biqueira*; que é triturado pela grande mó de pedra, a que chamam *corredoura*; e cae, enfim, já moedura, nas *cambeiras* assentes sobre o sobrado do moinho. Indica o abastecimento de cereaes, na *moega*, uma delgada haste de madeira (*chamadouro*), que, suspensa ao lado da *biqueira*, bate constantemente, agitando uma campainha, logo que os cereaes escasseiam no deposito.

Sob o moinho, na loja, correm as aguas do rio fazendo girar a grande roda dentada, que naturalmente impulsiona todo o activo trabalho do engenho. E no cachão d'agua, revoltos, que se reune pelos mezes d'inverno minhoto (outubro a abril), extrema-se toda a garantia de produção industrial dos moleiros de Brito ou do Sêlho.

A represa das azenhas que distinguimos na face das casas de moagem, velhas forças de arrasto, só com as grandes cheias trabalham. Negras e encobertas pelos renques de amieiros, são o velhissimo modelo das officinas de muitas gerações, rodando para o abastecimento de cereaes da maior parte dos concelhos do norte de Portugal.

Mas onde vae este rio Ave de que lhes falo?



1 — Fabrica de papel Vizella junto ao rio do mesmo nome  
2 — Caniões. Outro aspecto do rio Ave e Vizella



A' ponte dos Caniços vimol-o arrastar todas as aguas do Vizella; descer entre campos, e passar, assim, da provincia do Minho para as terras do Douro. Vimol-o mover velhos engenhos de casas rusticas; podiamos encontrar-o no movimento das machinas de varias fabricas de tecidos, de tinturaria, de papel; e, correndo ao seu encontro, vamos, finalmente, vê-lo desaguar ás areias de Villa do Conde.

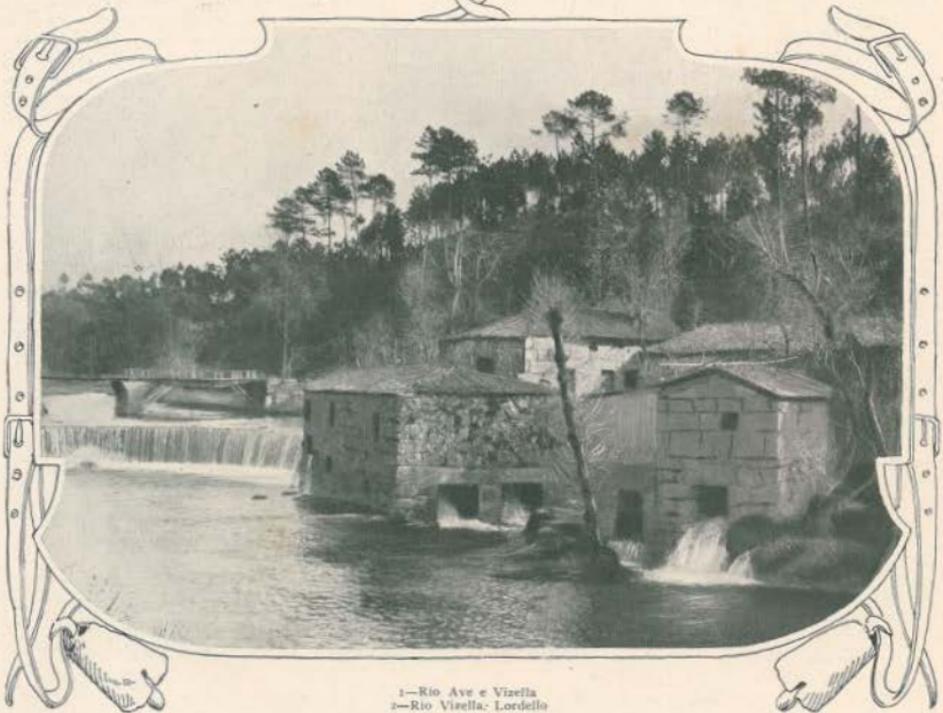
Da vida de uma creatura, o momento mais difficil e triste (fala-se), é o ultimo momento. Pois d'este rio, o mais interessante, é o momento da sua morte.

Quem foi uma vez a Villa do Conde, sabe com quanta gloria passam as aguas do

Ave sob o antigo convento das freiras de Santa Clara. E' um momento inolvidavel de graça, de bucolismo, de simpleza, vê seguir as aguas do rio, a abastecerem o mar inquieto de aquella praia exquisita de silencios, isolamento e ventania. E,

atravez ruas desertas, de casario cerrado, proprias para os personagens não menos exquisitos do sr. de Maeterlinck, só as aguas proximas do Ave, azuladas e fugidias, dão um pouco de alegria ao quadro sombrio e parado d'aquelles logares.

Desde a serra da Cabreira, nos arredores de Refojos, onde um longo fio d'agua inicia a vida d'este pequeno parasita, até ao burgo da Villa do Conde, o Ave é uma corrente



1—Rio Ave e Vizella  
2—Rio Vizella. Lordello



para brandos idyllios, annilada e fresca, sem ter um movimento piscatorio digno de menção; in-navegavel, delicado como as coisas bonitas.

Os rios Lima, Minho e Cavado, do centro e alto da provincia, teem a qualidade de pescado raro, facultam uma navegação rendosa, ainda que ligeira. O segundo, na raia gallega, facilita as passagens de mercadorias, o transporte de passageiros, independentemente dos trabalhos de pesca á rêde e á linha, tarefa a que se dedicam muitos dos seus conterraneos. Mas o rio de que me occupo, além dos arrastos para a azenha regional, e d'um ou outro paciente cavador dedicado ao mister infructifero da pesca meunda, este rio serve apenas para lavar, depois das *arvinças* de julho, os linhos que os camponezes depositam no seu leito.

E se, como um rio pequeno, o rio Ave dá em maior vantagem simplesmente o quadro, nem por isso deixa de ser um elemento chorographico atrozmente mutilado.

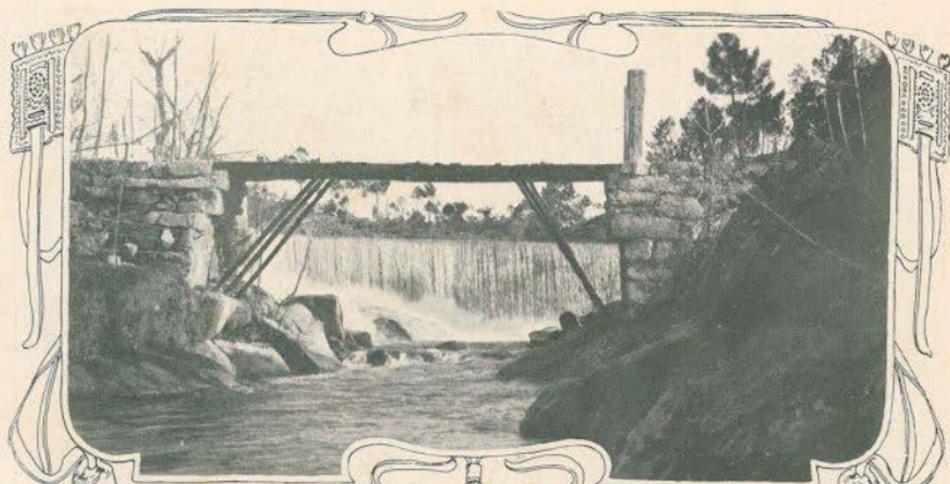
Em Portugal não ha, ainda, aquella qualidade que na cultura de muitos povos representa o amor, o culto da paizagem. E' singular de amorosidade e prazer artistico o

modo ardente como o velho Ruskim indica aos seus concidadãos o respeito pelos grandes pannos da paizagem, guarnecendo as margens dos seus rios, utilizando cautelosamente os arvoredos, provendo com criterio as suas decorações em necessidades de myster agrícola. Essa vontade de artista, que se tornára doutrina emocional para todos os que podiam vêr na paizagem um fructo de riqueza simultaneamente productiva e pittoresca, originou resultados dignos de inveja.

Como na decoraçao artistica dos arruamentos



1—Rio Ave: Entre Caniços e Riba-Ave  
2—Rio Vizella: Entre Negreiros e Caniços



citadinos, cuidada  
consoante a cultura  
de cada povo, na evolução do seu modo  
de ser moral: creou a necessidade de  
realisar um documento decorativo na educação  
das gerações vegetaes—uteis sob multiplizes  
aspectos; encantadoras sob todos os pontos de  
vista.

Cultivar a decoração scenographica das paizagens tornou-se, pois, tão necessario e tão util como prover ao embelezamento arch tectonico das grandes avenidas, das grandes praças. E' um aspecto da physiologia altamente interessante do homem moderno, exigindo que tudo reuna um elevado grau de sensibilidade esthetica, a que chegou pela sua educação intellectual. Decorar educando. Ordenar pelo relevo ligeiro das coisas encantadoramente simples, naturaes—única ordenação artistica verdadeira grande.

A parábola esthetica de Ruskin (semelhante, no seu interesse biologico, ás propagandas moraes de Jesus) tornou suggestivo e sensível, ao nosso espirito, um elemento natural que nós, portuguezes, instinctivamente gosamos e estimamos. Todavia a actividade humana attingiu um estadio de valor mental eminente e evidente. E isso documenta a nossa situação educativa, essa agravada morosidade com

que contribuímos,  
tarde e mal, para todos os problemas do pensamento—regidos em conformidade com o movimento de cada civilisação.

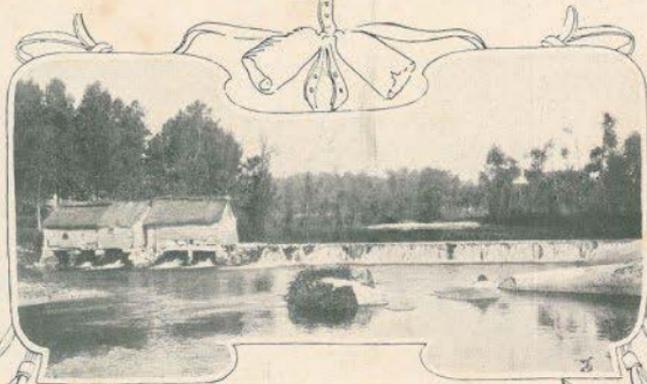
O destino collocou-nos á porta um pasmoso e verdadeiro paraíso terreal. Apenas uma das nossas provincias é safara de riquezas vegetaes. Como tratamos, como valorisamos nós o ouro d'essa natureza excepcional? A golpes imprudentes de durindana; sem criterio, sem prazer artistico; lançando o carvão inutilisado e as tintas inutilisadas, para o leite dos rios; descalfando a montanha, pelo corte radical dos grandes pinheirae; semeando e plantando sem a mais insignificante noção da belleza decorativa.

E é tão submissa, esta terra; tão benigna a «vontade de Deus», que mesmo assim, sem um destino digno do seu valor, toda essa terra portugueza se adorna como mulher que é—pelo inverno cobrem os montes do Algarve as grandes onjas lilazes das amendoeiras; e no Minho, por esta apolinica primavera que vaee correndo, immensos pomares de laranjeiras offerecem aos

noivos de todos os dias as moitas das suas flores virginaes, adocicadas.

Atravez toda essa flora unida, humida, arejada—as aguas infinitas dos seus rios azulados.

ALFREDO  
GUIMARÃES.



1—Rio Vizella: Entre Vizella e Lordello  
2—Rio Ave: Taipas  
(Chechs de GASPAR FERREIRA)